

# Custo de vida em queda aumenta a taxa real de juros

**B**RASÍLIA — Enquanto o governo enfrenta as dificuldades adicionais para realizar o ajuste fiscal, a sociedade reforça pressões pela redução das taxas de juros. A taxa de juro básica da economia, a chamada Selic, ficará em torno de 1,90% em setembro. Mas, na ponta dos empréstimos, que é o que interessa aos empresários e ao público, os juros estão bem mais altos. Uma pequena e média empresa, em boa situação financeira, não consegue empréstimos com taxa inferior a 3,5% ao mês. Com a inflação mensal beirando zero, o juro real pago aumentou de forma explosiva.

O governo decidiu, no entanto, adotar uma postura cautelosa. Os técnicos da área econômica afirmam que a taxa de juros continuará caindo, mas advertem que não se deve esperar um "degrau de queda" acentuado da taxa básica.

O ex-ministro Delfim Netto defende a tese de que o problema da taxa de juros é bem mais complexo do que uma simples redução da taxa básica. Para ele, essa taxa básica, que deve ficar em torno de 1,8% até o final deste ano, não está longe de seu nível adequado. O problema está, na avaliação de Delfim, na "cunha fiscal" que impede a queda dos juros para os tomadores de empréstimos.

Essa "cunha fiscal" é representada pelo Imposto sobre Operações Financeiras (IOF) e pelos compulsórios bancários. "A única saída é reduzir o IOF e o compulsório dos bancos", afirma Delfim. Só que ao fazer isso, o governo corre o risco de provocar aumento da demanda interna acima do que a situação do balanço de pagamentos do País permite.

A reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN) desta semana ditará a direção do governo na questão dos juros. Os técnicos acreditam que prevalecerá a postura de cautela do Banco Central e a Taxa do Banco Central (TBC) deve ser fixada em torno de 1,85%.